



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

RITA RAMONE DANTAS DE SOUSA

**A TACADA DA MALANDRAGEM E A INFÂNCIA ENÇAÇAPADA EM “O
MENINÃO DO CAIXOTE” DE JOÃO ANTÔNIO**

CATOLÉ DO ROCHA– PB

2017

RITA RAMONE DANTAS DE SOUSA

**A TACADA DA MALANDRAGEM E A INFÂNCIA ENCAÇAPADA EM “O
MENINÃO DO CAIXOTE” DE JOÃO ANTÔNIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725t Sousa, Rita Ramone Dantas de
A tacada da malandragem e a infância encaçapada em "O
meninão do caixote" de João Antônio [manuscrito] / Rita Ramone
Dantas de Sousa. - 2017.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2017.
"Orientação: Me.Maria Fernandes de Andrade Praxedes,
Departamento de Letras".

1. Meninão. 2. Malandragem . 3.Exploração I. Título.
21. ed. CDD 801.95

RITA RAMONE DANTAS DE SOUSA

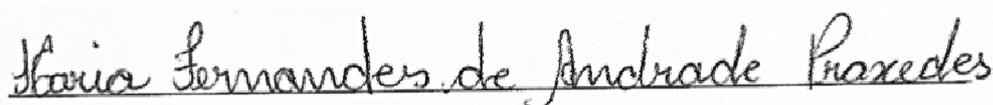
A TACADA DA MALANDRAGEM E A INFÂNCIA ENCAÇAPADA EM “O MENINÃO DO CAIXOTE” DE JOÃO ANTÔNIO

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras.

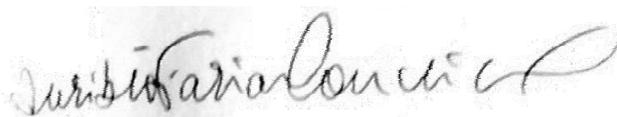
Área de concentração: Literatura.

Aprovado em 09/08/2017

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB - Campus IV



Prof. Dr. Auribio Farias
Examinadora – UEPB– Campus IV



Profa. Dra. Vaneide Lima Silva
Examinadora – UEPB – Campus IV

Catolé do Rocha – PB
2017

A Deus, que me permitiu vivenciar esse momento que tanto sonhava; aos meus pais, que me apoiaram, em todos os sentidos; à minha amiga Edilayne, que fez tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar; aos meus professores, por terem transmitido vários conhecimentos necessários para minha formação, e, por fim, a meu marido e a minha filha Yoná Monique, por todos os sorrisos e carinhos que os dois me deram, renovando minhas forças diariamente para continuar na luta. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais **Maria Luiza** e **Zacarias**, em especial a minha mãe, que apesar de todas as dificuldades sempre fez de tudo para que eu concluísse o curso, dando-me apoio, incentivando-me e encorajando-me a persistir e seguir adiante.

À minha filha, pela coragem que me dá diariamente, pois foi por ela que me fortaleci e continuei batalhando para conseguir realizar este sonho.

A minha amiga **Edilayne**, que sempre me incentivou e me ajudou como pôde.

A minha amiga **Geralda**, por me ajudar nos momentos difíceis que estava enfrentado, proporcionando-me uma palavra de incentivo nos momentos em que a desmotivação surgiu.

Às colegas **Francinete**, **Jaline**, **Maria Rita**, **Dagna**, **Joelma** e a todos os meus colegas da universidade, que mesmo que indiretamente, me ajudaram a concluir esta longa jornada.

À professora **Doralice de Freitas Fernandes**, por quem tenho uma grande admiração, sendo ela principal responsável pelo incentivo e o meu ingresso no Curso de Letras.

Ao meu amigo irmão **Neto**, pela disposição dedicação frente à secretaria do curso, atendendo-me e me orientando sempre que fui a sua procura.

Ao meu esposo **Jarinaldo Nunes**, pela compreensão e paciência nos momentos mais difíceis, por ter me encorajado a continuar e a enfrentar os desafios.

A todos os meus professores da Universidade Estadual da Paraíba, em especial à professora **Maria Fernandes de Andrade Praxedes**, pela orientação ao longo deste trabalho.

À minha filha, **Yoná Monique**, pois sem ela não teria tido forças suficientes para enfrentar a carreira acadêmica e vencer todos os obstáculos que me foram colocados à frente. Foi por ela que não desisti.

A **Deus**, pela oportunidade que me destes de concluir meu curso e conquistar um diploma. Sem ele nada disso teria sido possível.

RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir a figuração da infância no conto “O Meninão do Caixote” de João Antônio, atentando para a vulnerabilidade social da criança diante da exploração dos adultos, da ameaça do tráfico de drogas, do abuso sexual e do vício do jogo. A história do menino se confunde com o drama de muitas crianças que vivem em situação de perigo e abandono nas ruas dos grandes centros urbanos. Atraído pela malandragem, o garoto passa a experimentar as mais estranhas atividades do mundo dos adultos. A trajetória de o Meninão do caixote é marcada pelos conflitos com a mãe, uma mulher batalhadora e autoritária, e pela ausência do pai, um caminhoneiro que fica muito tempo longe da família. Carente da presença paterna, o moleque é seduzido pela malandragem de Vitorino, um experiente jogador de sinuca, e se torna tão bom no jogo de bilhar quanto os seus exploradores. O embasamento teórico que orientou esta pesquisa tem em Oliveira e Pereira (2003), Martin (2008), Arêas (1999), Candido (1999) e Figueredo (2007) as principais referências. A leitura do conto sinaliza a expressiva fragilidade da criança diante da sedução do adulto, a carência, a evasão e as frustrações humanas, mas também revela que os laços afetivos, o amor materno, podem resgatar e salvar vidas inocentes.

Palavras-chave: Meninão. Malandragem. Jogo. Exploração.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 JOÃO ANTÔNIO: O INTÉRPRETE DE SI MESMO	09
2.1 As histórias que se confundem: o Meninão sou “eu”.....	11
3 AS FIGURAÇÕES DA INFÂNCIA E O JOGO DA MALANDRAGEM EM “MENINÃO DO CAIXOTE”	15
2.1De casa para o vício: o Meninão e os outros.....	15
2.2O taco e o encaçapar da infância.....	18
2.3 Do vício para casa: o resgate.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
ABSTRACT	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1 INTRODUÇÃO

A representação da infância perdida na obra de João Antônio, principalmente no conto “Meninão do caixote”, imprime uma realidade recorrente nas grandes cidades. O autor tematiza o jogo da sinuca para denunciar a malandragem e a exploração nas casas de jogos, ao passo que revela a carência humana e a dificuldade de superar os conflitos internos. Na arte de inventar e retratar a vida cotidiana da ociosidade de adultos, jovens e de crianças, o autor exterioriza a complexidade e a fragilidade das relações afetivas. Ele também interpela o leitor a pensar sobre a história de um menino exposto aos perigos da rua e a todo tipo de abuso e exploração praticados pelo mundo das pessoas cuja índole foge à moralidade.

Em o “Menino do Caixote” somos convidados a acompanhar a trajetória de uma criança diante de seus dramas — a ausência do pai, o desencorajamento com a escola, a falta de tempo e afeto da mãe e, principalmente, a luta para largar o vício do jogo de bilhar. Apesar da pouca idade e da malandragem que o cerca, a infância do garoto não é degenerada e num ímpeto de tomada de consciência ele larga a rua, o jogo, retorna à escola e aos cuidados da mãe. Desse modo, há um procedimento revelador de que é possível superar os medos, libertar-se da exploração do homem e encontrar um novo sentido para a vida. Existe uma voz dada aos menos favorecidos dos grandes centros urbanos atingidos pela desigualdade social.

Desta feita, este trabalho visa refletir sobre as figurações da infância no conto “Meninão do caixote” de João Antônio, considerando a situação de vulnerabilidade da criança diante de condutas abusivas dos adultos malévolos. Dessarte, para discutir essas questões nos valem de alguns pressupostos teóricos que abordam o assunto. A referida pesquisa está estruturada da seguinte forma: inicialmente apresentamos, de forma concisa, dados sobre o autor João Antônio e sua obra, destacando o seu caráter crítico acerca das questões sociais como injustiça, malandragem, violência, desigualdade e exploração, características que renderam o título de “escritor do submundo”. Na sequência, abordamos sobre o enredo do conto a fim de situar o leitor no drama de um garoto, cuja história se assemelha a do próprio autor, que viveu as mesmas experiências com o jogo da sinuca e a

malandragem nas periferias de São Paulo durante a sua infância e juventude. Posteriormente, analisamos as figurações da infância no conto “MC”, atentando para as relações conflituosas do menino com a mãe e o “amparo” da malandragem nas casas de jogos, chamando atenção para a realidade das crianças que vivem nas ruas em situação de vulnerabilidade. Para legitimar estes fatos, apontamos alguns dados estatísticos sobre crianças que ainda vivem essa triste realidade, cuja infância é corrompida de forma agressiva por um sistema de poder e controle.

Por fim, reforçamos nos dois últimos momentos a discussão sobre a malandragem e a exploração configuradas na relação do Meninão com os malandros e o jogo de sinuca. Esses vínculos desviaram o garoto da escola e o levaram para a rua. Meninão, que indiferente aos conselhos da mãe, embora não revidasse, desobedecia em silêncio e fugia para a rua, para os ensinamentos de Vitorino e o jogo de bilhar. No entanto, o autor imprime uma reversão à história do jogador mirim. Há um resgate que se dá pela força dos laços afetivos da mãe, que do seu jeito, não desiste do filho e, observando-o de longe, afetiva protege-o e liberta-o do jogo.

1. JOÃO ANTÔNIO: O INTÉRPRETE DE SI MESMO E DO MENINÃO

A vida de João Antônio¹ é marcada por uma série de contradições humanas. A crítica, normalmente, defende que sua obra apresenta um teor autobiográfico em função das experiências do autor com o universo da malandragem e do submundo das periferias de São Paulo. Já consagrado como escritor, o romancista e contista das histórias dos menos favorecidos dos subúrbios, decide dedicar-se a sua carreira literária e deixa para trás a família e a vida de conforto e passa a levar uma vida despojada, sem luxo ou regalias, e se dedica à literatura como sua única razão para viver em um mundo de valores e morais corrompidos.

Crítico de uma sociedade, cujas questões de injustiça e desigualdade social afetam a maioria das pessoas no Brasil do século XX, a obra de JA se confunde, muitas vezes, com a sua própria história. Nasceu em 1937 na cidade de São Paulo, e aos 17 anos de idade já frequentava os salões de sinuca. Entre as décadas de 60

¹ Em muitos momentos, ao longo do texto, faremos referência a João Antônio utilizando a sigla JA.

e 70 larga o emprego, se desprende de todos os bens materiais, separa-se da mulher e passa a morar sozinho e a dedicar-se única e exclusivamente à arte de escrever sobre os proletariados e marginalizados das periferias das grandes cidades.

As experiências com os salões de sinuca foram fatores expressivos para a construção do seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma coleção de contos, publicado em 1963. (ARÊAS,1999, p. 210). Fala com muita clareza de JA. “Cético e arredio com as formalidades” da sociedade da época, recusava convites para participar de eventos, exceto quando era para ministrar palestras em escolas e universidades. JA foi outorgado com diversos prêmios, mas não comparecia para recebê-los e mantinha distância das pompas da Academia Brasileira de Letras. Sua obra foi traduzida e publicada em outros países, a exemplo da Venezuela e Tchecoslováquia.

JA morreu em 1996 e seu corpo foi encontrado 15 dias após a sua morte na casa onde morava sozinho. O escritor, cuja obra ainda é pouco estudada na academia, sobretudo nos cursos de Letras, deixou em seu legado a preocupação com as questões sociais: a denúncia à malandragem, a exclusão e a infância perdida das crianças brasileiras.

Admirador da literatura de Lima Barreto, a quem dedicou todos os seus livros, nas décadas de 1960 e 1990, JA vivenciou o período da ditadura no Brasil, as pressões rigorosas e a falta de liberdade de expressão da época. Mas nenhum desses fatos constituem o foco da sua narrativa em sua essência. Seu interesse se volta para os marginalizados, por isso os descrevem com traços fortes para demarcar a pobreza, o abandono e a exploração dos sujeitos às margens. Para revelar o submundo dos subúrbios das grandes cidades, ambientou suas narrativas nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro e, atento à realidade social o século XX, inquietou-se com a iminência imputada aos direitos do povo brasileiro. De acordo com Oliveira e Pereira:

Numa tradição como a brasileira, em que o acesso às letras costuma ser privilégio da classe dominante. João Antônio cede a palavra à Arraia miúda, que encontra, na obra deste, sua representação mais forte. Escreve, sem enfeites, sobre a vida marginal. Aborda o submundo do Rio de Janeiro e de São Paulo, revelando-nos, muitas vezes, o lado da sociedade que pagamos para não ver. (OLIVEIRA e PEREIRA, 2003. p.143)

Observamos que os autores chamam atenção para uma questão relevante na obra de JA – a revelação das máscaras dos problemas sociais, uma espécie de engano da realidade. O autor de MC - “Meninão do caixote”² descreve as situação-limites dos sujeitos periféricos das grandes cidades – jovens, adultos e crianças vivendo as mais variadas formas de desigualdades e autofagias humanas. Para JA o que importa precisamente são as condições de segregação de direitos a uma vida digna do indivíduo que é posto no mundo da malandragem e da violência como única saída para sobreviver.

A realidade brasileira é, por vezes, camuflada para minimizar o caos, mas para JA é preciso mostrar aos brasileiros o que somos e como vivemos em um país autofágico. Para Martin, o autor de *Malagueta, peru e bacanaço* expõe com clareza essa realidade circundante:

[...] nas histórias de João Antônio, o Brasil é uma terra de males já consolidados e, se malandro se recusa a ser “otário”, é porque não possui convicção alguma de que o trabalho formal pode trazer alguma espécie de dignidade material ou moral para que vive tão às margens. A despeito de um certo mito nacional dos heróis malandros que sempre se dão bem e confirmam um modo de sobrevivência bem sucedido no campo da informalidade, as (des) venturas vividas pelos malandros recriados pelo escritor paulistano não são acompanhados pelo riso e pela bonomia que costumam caracterizar as peripécias tópicas da malandragem. (MARTIN, 2008, p. 157).

Diante desse pressuposto, percebemos que JA descreve os malandros da vida real, quebrando o estereótipo do malandro que sempre se dá bem. O autor paulistano descontrói, assim, a figura da malandragem que sempre anda bem vestido e consegue se safar.

1.1 As histórias que se confundem: o Meninão sou “eu”?

No conto “Meninão do Caixote” (1980), João Antônio coloca em questão a exclusão social, utilizando-se de uma linguagem coloquial, e por causa disso, chegou a ser considerado pela mídia como “escritor do submundo”. Para ele, a literatura deve ser um meio de “alertar” os leitores, abrindo sua visão de mundo. De

² Faremos referência ao conto utilizando a sigla “MC”

acordo com Martin (2008, p. 76) “a identificação ideológica de João Antônio com o submundo da metrópole de certo modo entrava em choque com a sua própria condição de escritor, cuja produção destina-se principalmente a leitores pertencentes da classe média”. O autor chama atenção para os sujeitos que vivem às margens, dando ênfase as grandes feridas sociais. Ele apresenta uma espécie de violência tipificada que dissimula e sucumbi a dignidade do homem.

Para Candido (1996. p. 96), “ser marginalizado significa viver fora da sociedade ou fora da lei [...]. Ser marginalizado significa estar separado do resto da sociedade, sendo forçado a ocupar as beiras ou as margens, sem poder ocupar o centro das coisas [...]”. Nesse sentido, o conceito de marginalizado é de caráter sociológico, pois está intimamente relacionado a qualquer exclusão de natureza social, e remete à marginalização do homem dentro de um sistema de poder e controle. A malandragem em JA corresponde, em alguns momentos, à carência humana e a uma espécie de evasão dessa marginalização, fuga e tentativa de estorno dos problemas, das perdas, das dores e da cegueira social.

Os malandros são reconhecidos, normalmente, pelas roupas “surradas”, pelo linguajar e pelo jeito de andar. Em JA é comum ver a marginalização dos personagens, como em o “Meninão do caixote”, “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Visita”. Em MC, o autor descreve seus personagens detalhadamente e com trações marcantes. Dentre esses personagens, há um malandro magro de dedos compridos, amarelo de olhos fundos e malvestido chamado de “Vitorino”, que era considerado um mestre na arte do jogo, sendo descrito pelo autor como:

Um homem feio, muito branco, mas amarelado ou esbranquiçado, eu não discernia, um homem de chapéu e de olhos sombreados, os olhos lá fundo da cara, braços finos, tão finos[...]. O sujeito dos olhos sombreados, que sujeito mais feio! No seu perfil de homem de pernas cruzadas, a calça ensebada, a barba raspada, o chapéu novo, pequeno, vistoso, a magreza completa. Magreza no rosto cavado, na pele amarela, nos braços tão finos. E magreza até no contorno do joelho que meus olhos adivinhavam debaixo da calça surrada. (JA, p. 88,1980.)

Observa-se que o malandro anda sempre malvestido, e que passa por muita necessidade financeira. Com sua “magreza” excessiva, a pele, que de tão amarela, tornava-se “esbranquiçada” e seus olhos sombreados, suas roupas “surradas” e “ensebadas”. “Vitorino” é o verdadeiro retrato da fome, da privação e da exclusão

social. A marginalização, associada à pobreza e à miséria, tem os traços do marginal empreendido pela sociedade, aquele que causa medo e repulsa à classe dominante, pelo modo como se veste, anda e fala.

Fixemos agora no menino, personagem principal do conto MC. Esse mostra uma certa inocência e ao mesmo tempo curiosidade de aprender as artimanhas do jogo. O garoto, por ser muito pequeno, precisava do auxílio de um caixote para realizar as jogadas com perfeição. Narrada pelo próprio Meninão, a história rememora cerca de três anos de sua vida, iniciando com seu primeiro interesse pela sinuca e culminando com a última vez que ele havia jogado, por volta dos quinze anos de idade. JA interpreta sua própria história de menino nas periferias de São Paulo, trazendo para o cerne de sua obra outros meninos, cuja trajetória se confunde com a sua própria história de quando era criança e jovem.

O conto MC expõe as várias fases da vida do garoto, desde a infância até a adolescência, do primeiro jogo até sua última partida, as memórias de sua infância em “Vila Mariana” até a Lapa para onde se mudou com a família. Em uma de suas lembranças, o garoto lembra-se de seu amigo “Duda”, seu primo, com quem tinha afinidade, pois gostavam muito de brincar juntos. Como podemos observar no trecho seguinte:

Na rua vazia, calada, molhada, só chuva sem jeito; nem Duda, nem nada. Quando papai partiu no G.M.C, apertei meu nariz contra o vidro da janela, fiquei pensando nas coisas boas de Vila Mariana. Eram muito boas as coisas de Vila Mariana. Carrinho de rodas de ferro (carrinho de rolimã, como a gente dizia), pelada todas as tardes, e eu mais Duda íamos nadar todos os dias na lagoa da estrada de ferro. Todos os dias, eu mais Duda. Se Duda estivesse comigo eu não estaria bobeando, olhando a chuva. A gente arrumaria uns botões, eu puxaria o tapete da sala, armaria as traves. Duda aquele meu primo, capaz de fazer trinta partidas, perde as trinta. (JA, 1980, p. 84).

A professora muito rígida, exigia um bom comportamento dos seus alunos, porém, com a mudança do garoto e devido à falta do primo “Duda”, a maneira de ser do menino já não era a mesma, piorava cada dia. Por esse motivo levava tantas reclamações para casa, tirando a paciência da mãe, uma mulher batalhadora, mas que não sabia muito bem como educar o filho e, por isso, reagia muitas vezes de forma agressiva com ele. Nesse contexto, a mãe enfrenta muitas dificuldades para

criar o filho, costurando para fora para ganhar o sustento da casa e dar a ele uma vida mais digna. Enquanto isso, o menino iniciava a sua trajetória no mundo do jogo, dando as primeiras tacadas na sinuca e encaçapando a sua infância: “Os pés de mamãe na máquina de costura não paravam. Mamãe readquiria seu jeito quieto, criatura miúda. O jogo acabava, eu pegava os duzentos mil-réis, e tocava para casa. Murcho. Haveria briga com mamãe. Os pés pequenos voltavam a pedalar descansados.” (JA, 1980.p.90).

A mãe do menino levava uma vida solitária, pois o marido era caminhoneiro e passava meses distante de casa. Por isso, ela via-se obrigada a trabalhar, cuidar da casa e do filho praticamente sozinha. Seu relacionamento com o filho era conturbado, e não havia muito diálogo, era uma criança rebelde e desobediente. Apesar de ter um pai ausente, o pequeno o tinha como um ídolo, pois ele fazia os caprichos do garoto como pode ser visto no trecho seguinte:

Mamãe não gostava daquele jeito de papai, jeito de moço folgado, que ficava fora o tempo que bem entende. Também não gostava que ele me fizesse todos os gostos, pois, estes, ele fazia mesmo. Era só pedir. Vivia de brincadeira e de caçoada quando estava em casa. Papai tinha um G.M.C., um carro tanque, e que enfiava Boné de couro, ajeitava-se no volante e saía por estradas roncando como só ele. (JA,1980. p.86)

Além de revelar a ausência paterna, o conto imprime os laços afetivos que Meninão mantinha com o pai por meio das impressões da mãe em relação ao esposo. Este era visto por ela como um moço “espaçoso”, liberto e despreocupado, o que reforça a ideia da característica do “bom malandro”, que fazia as vontades do filho astucioso quando estava em casa. Apesar dos dois não terem uma convivência diária, o menino se orienta pela referência paterna. Isso, possivelmente, tem a ver com a sociedade patriarcal vigente ainda em nossa sociedade. Ao que parece, JA interpreta não apenas a vida de muitos meninos que vivem às margens de uma sociedade desigual, mas a sua própria rotina de menino que viveu e teve as mais profundas experiências com as periferias da cidade grande, o jogo de sinuca e o contato com os mais diversos “malandros da noite paulistana”.

2. AS FIGURAÇÕES DA INFÂNCIA E O JOGO DA MALANDRAGEM EM “MENINÃO DO CAIXOTE”

O conto “MC” narra a história de um garoto aparentemente normal, cuja infância se passa em Vila Mariana. No decorrer da narrativa, este garoto muda de cidade e começa a ter uma infância dupla, pois, apesar da pouca idade e da inocência de criança, ocorre um processo de “metamorfose pueril”. Sob a influência de um bom malandro, Meninão do caixote começa a conhecer o outro lado da vida como: o jogo, a bebida, as noitadas e os adultos exploradores. Entre esses adultos está Vitorino, que se tornou seu amigo e professor do jogo de bilhar. O malandro ensinou tudo o que sabia sobre o jogo para, em seguida, explorar os dotes do menino e se beneficiar com isso. Ele fez do garoto um jogador brilhante: “[...] Da curiosidade inicial para o início da vida de jogador foi só uma questão de tempo. Pois enquanto a rotina doméstica e escola eram entediante, a hipótese de jogar sinuca junto com Vitorino descortinava novos horizontes para o menino”. (ARÊAS, 1999, p. 128).

Nesse sentido, o adulto, no caso específico o Vitorino, mantém uma forte relação de poder sobre o menino, que curiosamente desobedecia a mãe, mas cedia às exigências do velho malandro. Essa é uma das contradições humanas posta por JA no conto em estudo e em tantas outras narrativas de sua carreira literária. Para o menino, as mesas de sinuca pelo bairro da Lapa era a sua válvula de escape, uma forma de minimizar a ausência da figura paterna e inserir-se no meio dos adultos que lhe davam conselhos e o encaminhavam para a promiscuidade. O garoto sai quase todas as noites escondido da mãe, fugia pela janela do quarto e só retornava pela madrugada. Por esses motivos era castigado com surras e sermões, mas nada disso o mantinha em casa, pois o vício do jogo e os prazeres noturnos já faziam parte do “homem em miniatura”. À mãe, restava lamentar a perda da cria para a rua e para o mundo da vadiagem. Apesar da desobediência e dos seus erros, o menino nunca discutia com mãe, pois encontrava uma maneira de fugir e evitar o embate.

2.1. De casa para a rua: o Meninão e outros

A ONU (Organização Das Nações Unidas) revela que existem mais de 150 milhões de crianças e adolescentes vivendo nas ruas em todo o mundo. Um

levantamento feito pelo Governo Federal juntamente com instituto de pesquisa da Fio Cruz no ano 2014 , em 75 cidades do Brasil, com mais 300 mil habitantes, constatou essa realidade. É válido ressaltar que esse levantamento só é atualizado no final do mandato de cada governo, acumulando dados alarmantes sobre esse fato. A pesquisa ainda aponta que são 23.973 milhões de crianças e adolescentes vivendo nessas condições, sendo que a cidade com maior índice é o Rio de Janeiro, com (50.091), em segundo lugar vem São Paulo com (40.751), e em terceiro lugar vem Salvador com (20.313).³

Além disso, os estudos mostram que 72% das crianças e adolescentes que vivem nas ruas são do sexo masculino, 14% desse total de crianças e adolescentes usam algum tipo de droga, 28% são do sexo feminino e 15% dessas meninas se prostituem. A maior parte dessas crianças tem entre 12 e 15 anos e só cursaram até 4º série, mas a idade dessas meninas e desses meninos é bem variada, pois é normal encontrar crianças com idades inferiores a essas apontadas pela pesquisa, bem como de diferentes traços e cores. Contudo, os pardos lideram com 48%, em segundo vêm os negros e os brancos com o mesmo percentual de 24%, e as outras raças com 4%.

Os motivos que levam as crianças a saírem de casa e ficar nas ruas são os mais diversos, como brigas verbais com os familiares (30%), violência doméstica, (31%), busca pela liberdade (20%), perda de memória (10%) e violência sexual (9%). Essa estatística é assustadora, pois a maioria dessas crianças que vive nas ruas não são reintegradas novamente à família e à sociedade. Os estudos ainda apontam a estimativa do tempo em que as crianças passam nas ruas: no mínimo 6 meses (15 %), de 6 meses a 1 ano (10%) , de 1 ano à 2 anos (12%), de 3 anos à 11anos (18 %), de 12 anos à 15 anos (21 %), 16 anos à 17 anos (24%).

Enquanto essas crianças vivem a maior parte do tempo nas ruas durante o dia, à noite elas vão em busca de abrigo. Cerca de 52% apenas na casa da família, 23% nas ruas, 7% na casa de parentes e amigos, e em outros lugares são 13%. De 2 a 3 anos é o tempo estimado para que essas crianças procurem ajuda, seja dos seus pais, de uma fundação ou até de outras pessoas para tentar se socializar dentro de nossa sociedade. Sabemos que a integração não é fácil, mas não é

³ Disponível em: <http://www.fiocruz.com.br>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

impossível. A criança tem que estar disposta a mudar seu modo de viver para ser incluída novamente ao convívio social.

A durabilidade da infância e da adolescência ocorre entre a fase infantil até os 18 anos, menos de 20% do tempo de vida. É nesse momento da vida que a criança e o adolescente têm abertura para conhecer o mundo a sua volta como a brincadeira, a fantasia, a diversão e a rebeldia, e só com a chegada da chamada fase de transição entre a infância e a vida adulta é que começam as preocupações pelos estudos e a preparação para o mercado de trabalho. Por isso é importante cuidar da saúde física e mental da criança desde cedo, pois é difícil restaurar uma infância encaçapada pelo taco da desigualdade social, exploração e abandono, corrompida pela maldade do mundo das pessoas grandes.

Em o “MC” é possível perceber o niilismo da infância do garoto diante da exploração da malandragem e exploração dos adultos, que também sofrem com a desordem social, vítimas da carência humana. O garoto constituído pela linguagem da malandragem literária de JA é apenas um exemplo da realidade de muitas crianças abandonadas pelos pais e pelo poder público que saem de casa para viver na rua, pois o lar, a família e a escola já não os acolhem com afeto e proteção, e por causa disso o mundo exterior passa a ser mais estimulantes para elas.

A rua e, principalmente, as periferias, parecem ser o espaço para as multidões como brancos, negros, pobres, prostitutas, vagabundos, criminosos, favelados; uma mistura da marginalização. O Meninão representa uma parcela dessa multidão. Longe do pai e tendo que enfrentar a dureza da mãe, ele não encontra prazer em casa, muito menos na escola. A sua válvula de escape é o jogo da sinuca e a companhia dos “bons malandros” das rodas de bilhar. Soma-se a isso a possibilidade de ganhar um pouco de dinheiro e usufruir dos prazeres da vida. É nesse contexto que a história do garoto de “MC” se funde com as de outras pessoas que vivem perambulando pelas ruas, pois “o que rua mais sabe é misturar gente” (JA, 1976, p. 35).

Candido lembra os salões de jogos dos grandes centros urbanos como um dos lugares onde exploradores e explorados costumam frequentar: “Nos jogos no universo noturno de São Paulo construída ao redor de algumas marginais, moído pela vida, procurando um jeito de sobreviver por meio da trapaça, ou da brutalidade” (CANDIDO, 1999, p. 86). Além do vício do jogo, há outros elementos que se juntam

nesses espaços como a exploração sexual e o uso de entorpecentes. Discutindo acerca do abandono e da exploração Figueredo destaca que:

A presença constate de crianças e adolescentes nas ruas agrava o problema, potencializa generalizadamente os riscos, inclusive os de uso e comercialização de substâncias tóxicas, evidenciando o drama do abandono, da fome, desnutrição, o que conseqüentemente acaba induzindo essas crianças à prostituição e a se tornar reféns da ação inescrupulosa de adultos para a exploração da prática sexual. (FIGUEREDO, 2007, p. 26).

Segundo o autor, quanto mais tempo as crianças e adolescentes passam nas ruas mais vulneráveis elas ficam ao tráfico de drogas e a prostituição. Para o Meninão do caixote a rua era a sua fonte de prazer e liberdade, embora o narrador-personagem nos deixa a parte, por meio de sua retrospectiva, das inúmeras vezes que pensou em largar a rua e o jogo da sinuca e voltar para a casa da mãe. De casa para a rua e da rua para os vícios é o resultado de uma longa e dolorosa trajetória do garoto e de sua mãe, que silenciosamente não desiste de resgatar o filho, salvá-lo da morte da sua meninice e do aniquilamento da vida.

2.2 O taco e encaçapar da infância

A exploração e a malandragem são evidentes em toda narrativa. O malandro e explorador é vivido por Vitorino, que seduz o menino a viver na vida do jogo e da farra. A exploração do menino é exposta quando o narrador-personagem revela que só jogava em locais onde a polícia não andava: “Só joguei em bilhares suburbanos onde a polícia não batia, porque era um menino. Mas minha fama correu, tive parceirinhos que vinham, vinham de muito longe à Lapa para mim ver.” (JA,1980. p.90).

O garoto era explorado por Vitorino, mas não sabia reconhecer esse abuso de poder e autoridade do adulto, pois em sua inocência de criança era apenas um menino que jogava para se divertir e fugir de seus problemas. Há uma forte denúncia dos jogos ilegais pontuadas no conto de JÁ. O narrador evidencia que os lugares onde ocorriam essas partidas tinham que ser ilegais, uma vez que era menor de idade e não poderia ser visto pela polícia. Mesmo jogando nas casas de

jogos ilícitos, sua fama foi percorrendo de boca em boca. Em meio a tantos malandros, a fama de bom jogador do menino se espalha, e muitos jogadores vem de longe para observar o “Meninão” jogar. Refletindo sobre o jogo da malandrice, Lucas lembra que:

O universo da malandragem, que se espalha por bares, sinuca, bocas de fumo e cafuas, a periferia pobre e trabalhadora ou com segmentos mais corruptos da polícia, os dramas dos soldados na caserna. Marginalidade das categorias humanas menos legitimadas à malandragem como forma de confronto com a ordem estabelecida (LUCAS, 1999, p. 91).

Ainda na linha de pensamento do autor, a malandragem e a exploração ocorrem em bairros mais carentes e subúrbios de São Paulo, onde é mais fácil encontrar menores para seduzir à vida do jogo, longe dos olhos da polícia, da família, corrompendo a ordem e as lei. Segundo Roberto Da Matta (1997, p. 263) “O malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás por nós totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se”. O malandro do conto MC vivido por Vitorino não segue as regras formais cotidianas de pessoas normais, pois quem vive da malandragem e da exploração de menores não tem uma rotina preestabelecida. Vitorino, em especial, não se vestia bem e não tinha uma boa aparência, sendo muito desprovido de beleza, mas um mestre na arte do jogo como nos revela o menino narrador:

Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais. Porque Vitorino era um bárbaro, o maior taco da Lapa e uma das maiores bossas de São Paulo. Quando nos topamos Vitorino era um taco. Uma cobra. E para mim, menino que jogava sem medo, porque era um menino e não tinha medo, o que tinha era muito jeito Vitorino ensinava tudo, não escondia nada. (JA, 1980, p. 90)

Meninão assume que era um bom jogador e nunca estava sozinho nas tacadas, pois era levado pelas mãos do malandro e explorador Vitorino, responsável por ensiná-lo a arte da sinuca. Como um bom malandro, o professor e aproveitador das habilidades do moleque com o bilhar encontrou a chance de se dar bem na vida e ganhar muito dinheiro. O menino era calmo e preciso, qualidades indispensáveis no jogo de sinuca: “eu andava certo como um relógio. Não me afobava, Vitorino me

ensinou”. (JA, 1980, p. 91). Obediente e curioso, o menino seguia as orientações do seu “mestre”, só não concordava com a forma de pagamento. Este era dividido de maneira injusta, pois o que ganhava sozinho nas partidas de sinuca era dividido entre muita gente, conforme declara:

Vitorino era o patrão, eu ganhava, dividíamos a grana. Aquilo. Aquilo me desgostava. Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro! Por exemplo: ganhava um conto de réis. Dividia com Vitorino, só me sobravam quinhentos. Pagava tempo e despesas, já eram só quatrocentos. Dava estia ao adversário: lá se iam mais dez por cento - só me sobravam trezentos. Dez por cento sobre um conto. Dava mais alguma estia...ganhava um conto réis, só com duzentos. (JA, 1980, p. 93).

Para o menino, a divisão era injusta, evidenciando a exploração do mundo dos adultos sobre o garoto, pois era ele quem jogava, ganhava e no final ficava com a menor parte do dinheiro da aposta do jogo, visto que a parte maior ia para Vitorino e seus parceiros de malandragem, além de algumas mulheres que acompanhavam os malandros. No mundo da malandragem dos adultos, o Meninão do caixote era o explorado e marginalizado, mas essa compreensão só vem muito depois quando o garoto resolver contar ao leitor as suas aventuras nos subúrbios de São Paulo.

O Meninão abandonou a escola e o lar. A rua era o seu abrigo e o taco da sinuca era a caneta com a qual ele escreveu uma história de desordem e devassidão para a sua vida, marcada pela extorsão da pureza e inocência de criança, cuja infância é encaçapada pelas tacadas do jogo de bilhar e pela malevolência e exploração de Vitorino e seus comparsas.

2.3 Da rua para casa: o resgate

A rua era o lugar de fuga para o menino que sentia a falta da figura paterna e o carinho da mãe, que estava sempre ocupada com os afazeres da casa e as costuras. A falta de afeto da mãe era, ao que parece, motivada pelas tarefas domésticas e a profissão de costureira. Mesmo com toda rispidez, ameaças e surras que dava no Meninão, a mãe dizia querer o melhor para o filho e o orientava a estudar. Ela também lamentava a postura do marido que fazia as vontades da criança inserindo-o no universo adulto

O silêncio da mãe e a dificuldade de externar seu afeto pelo filho ficam patentes quando ela aproveita o momento em que o menino dorme e num gesto de carinho pega a coberta e cobre o garoto, protegendo-o do frio e do mundo, pois era o único momento em que ela sentia a fragilidade e a inocência do seu inofensivo pequeno. Essa atitude de cobrir o filho revela que por trás de uma mãe dura e, aparentemente, insensível, há um amor e um desejo de resgatar da rua, do vício da sinuca e de outros prazeres profanos, o Meninão tão menininho e indefeso. O sentimento de carinho e afeto brotava na relação dos dois, mãe e filho se descobrem em um mundo desordenado e injusto, conforme podemos observar nas palavras de Meninão do caixote:

Jogo e minas. E papai estando fora, eu já fazia madrugada, resvalando, sorrateio. Eu evolui um truque para a janela do meu quarto em noite alta eu chegando. Meter o ferro enviesado por fora; destravar o fecho vertical... Mamãe me via chegar, e às vezes fingia não ver. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que não estava dormindo. Mas mamãe ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Porque ia para o seu canto, chorosa. Mamãe, coitadinha. (JA, 1980, p. 94).

Como nos demonstra a passagem, a mãe tenta ajudar o filho como pode. Sofre a perda do filho para o mundo, mas parece não ter forças para reverter o caos. A fase é dolorosa, tanto para o menino quanto para a mãe, as brigas são constantes, muito mais da parte dela do que dele, pois, o menino nunca respondia e não faltava com respeito à mãe. Todavia, o garoto não conseguia parar de jogar. Quando ele saía para a rua, a mãe ficava em casa esperando a hora dele voltar para tê-lo em casa e protegê-lo do seu jeito. Durante as noites de espera, e após ajeitar o filho nas cobertas, a pobre mãe se recolhe e chora, lamuriando a sua dor. O filho presencia inúmeras vezes esse lamento quando clandestinamente vai até a porta do quarto da mãe e escuta a sua lástima.

A dor não se estabelece para sempre no homem, uma hora ela é dissipada e a vida toma um rumo mais leve. É o que acontece com o Meninão e a sua mãe, de tanto que testemunhou o sofrimento da mãe, e o seu próprio drama de menino largado na rua e no vício, o garoto se sensibiliza e luta contra o jogo e a malandragem do mundo: “Larguei uma, larguei duas, larguei muitas vezes o joguinho. Entrava nos eixos. No colégio melhorava, tornava-me outro me ajustava ao meu nome. ” (JA, 1980, p, 94). Largar o jogo não foi tarefa fácil, pois Vitorino

continuava a existir e sem o jogador mirim não tinha como faturar para manter suas farras: “Vitorino arrumava um jogo bom, me vinha buscar. Eu desguiado, resistia. Ele dando em cima. Se papai estava fora, eu acabava indo na mesa. Tornava à mesa com fome das bolas, e era uma piranha, um relógio, um bárbaro. Jogando como sabia.” (JA, 1980, p. 94).

A ausência do pai parece ser o motivo maior para que o menino volte às mesas de sinuca. Ele sentia falta da figura paterna, de um amigo com quem pudesse dividir suas angústias, sonhos e frustrações, por isso se refugiava na rua e nos salões de jogos ilegais, afinal era um jogador respeitado e admirado pelos visitantes: “Essas reaparições viravam boato, corriam os salões, exageravam um Meninão do Caixote como nunca fui.” (JA, 1980, p. 94). O garoto voltava a jogar como nunca, e os falatórios percorriam muitos lugares onde ocorriam os jogos. Ele chamava mais a atenção pela sua pequenez, eram muitos curiosos que frequentavam os salões para ver a habilidade do menino com o taco de sinuca. Apesar das pompas de melhor jogador, o moleque nunca perdeu a essência de criança e cultivava a inocência de menino internalizada nos movimentos do jogo de bilhar e no sonho de largar o vício.

Paulatinamente, o Meninão tenta se ajustar a sua rotina, resistindo à tentação do jogo e a sedução do malandro Vitorino, ele vai à escola como todos os outros garotos, tenta se adequar às regras e limitações impostas pela mãe.

O Meninão do caixote tinha muitos problemas, vivia em constante confronto entre dois mundos, o do jogo e o da sua realidade de uma criança, e todos os seus sentimentos se misturavam, deixando-o muito sensível e vulnerável. Por isso ele revela que sua vida, a priori, pode ser dividida em dois momentos: o primeiro quando morava em Vila Mariana e brincava com o primo, e o segundo quando conhece a malandragem nos arredores da Lapa.

São essas lembranças que traduzem o conflito da personagem — a ausência do parente, com quem brincava como criança, e a presença de Vitorino, o malandro aproveitador — e faziam com que a complexidade de sua situação só aumentasse. Vygotsky lembra que é “[...] na presença de problematizações que a criança eleva seu nível de pensamento a outro nível, fato que interfere significativamente na construção de sua personalidade. (VYGOTSKY, 2001, p.110). Essa dupla personalidade a que se refere o teórico é mimetizada na mudança de

comportamento do menino, pois se antes a rua era o lugar para a brincadeira com o primo, agora é o lugar do perigo, da malandragem e da exploração. Com isso, a personalidade do moleque sofre uma mutação, pois foi inserido no mundo dos adultos, cujos valores e condutas são libidinosas e devastadores.

Após ter adquirido todas as artimanhas do jogo, com a ajuda do malandro Vitorino, o garoto ganha fama e reconhecimento e se destaca entre os jogadores, o que impulsionava cada vez mais a frequentar os salões de sinuca. Contudo, ainda há tempo para restaurar a vida e salvaguardar um pouco do que restou da infância do menino. Nem tudo está perdido porque o garoto não transcende o desconcerto do adulto. De acordo com Resende (1988), apesar de tudo, o menino não está totalmente perdido no vício do jogo, o vício do garoto não passa “para a fronteira do vício adulto”, pois “a sua infantilidade não chega a se corromper”. Percebe-se que, paulatinamente, a criança demonstra uma certa ansiedade e, ao mesmo tempo, compreende o estado de abandono e de insegurança diante dos exploradores, conforme podemos constatar no trecho abaixo:

Também não era bom ser Meninão do Caixote, dias largado nas mesas da boca do inferno, considerado, bajulado, mandão, cobra. Mas abastecendo meio mundo e comendo sanduíche, que sinuca é ambiente da maior exploração. Dava dinheiro a muito vadio, era a estia, gratificação que o ganhador dá. Dá por dar, depois do jogo. Acontece que quem não dá, acaba mal. (JA, 1980, p. 92)

Apesar da pouca idade a criança ainda tem discernimento da situação humilhante, e compreende os perigos da rua e do mundo dos adultos. Inseguro, resta à criança deixar de ser o Meninão do caixote, pois não era bom ser o que escolhera para si: largado na rua, sujeito a todo tipo de exploração e ameaças. O dinheiro que ganhava com o jogo servia para suprir as necessidades e ganância dos adultos, a divisão era injusta e o moleque nada podia fazer contra perversidade humana. Reclamar diretamente esses abusos causava certo temor ao menino, pois tinha medo de agressões físicas e só expressava para si mesmo seus lamentos: “Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro[...]. Estava era sustentado uma cambada, sustentando Vitorino, seus camaradas, suas minas, seus [...]. Um dia mando tudo para casa do diabo”, (JA, 1980, p. 93). É visível a insatisfação do garoto com relação à maneira de partilhar o dinheiro, é muita gente

para ele financiar, e isso, de certo modo, o faz repensar a sua vida e a perder o interesse pelo jogo.

O encaçapar da infância está ameaçado, o garoto já não se sente mais seduzido pela sinuca e pela companhia dos malandros. Então ele decide largar de vez o taco e libertar-se de toda aquela exploração e anuncia a sua última partida: “após dois anos de taco” JA (1980, p. 98), a criança que sempre foi se restitui, e depois de cruzar “pelo atribulado e atraente mundo da sinuca o menino chega de volta aos braços de sua mãe”. (AGUIAR p,98,1999). Com isso, o pequeno sábio das mesas de sinuca abjuga o submundo da malandragem e segue a genitora como nos relata o menino narrador de sua própria história:

O Seu almoço. Um frio nas pernas, uma necessidade enorme de me sentar. E uma coisa me crescendo na garganta, crescendo, a boca não aguentava. Ninguém no meu lugar aguentaria mais. Ia chorar, não tinha jeito [...]. O choro já serenado, baixo, sem os soluços. Mas era preciso limpar os olhos para ver as coisas direito. Pensei, um infinito de coisas batucaram na cabeça [...]. Larguei as coisas e fui saindo. Passei a cortina, num passo arrastado. Depois a rua. Mamãe ia lá em cima. Ninguém precisava dizer que era um domingo [...]. Havia namoros, havia vozes e havia brinquedos na rua, mas eu não olhava. Apertei o passo, apertei, apertando, chispei. Ia quase chegando. Nossas mãos se acharam. Nós nos olhamos, não dissemos nada. E fomos subindo a rua. (JA, 1980, p. 100).

O ato de limpar os olhos assume um significado expressivo no conto, as lágrimas e o olhar embaçado simbolizam a cegueira do menino e da sociedade, ao mesmo tempo em que denuncia a escuridão. O choro representa o lamento e um pedido de socorro da maioria das crianças que vivem em situação de abandono, entregues à própria sorte, longe da família e da escola. É preciso, portanto, secar as lágrimas e escapar da nebulosidade e da carência humana, efetivada no conto pela falta de carinho e afeto da mãe e a ausência do pai do Meninão do caixote. A presença e o amor da família são indispensáveis para reverter o quadro de abandono das nossas crianças. O menino de JA representa, na verdade, os outros tantos meninos em situação de vulnerabilidade, carentes, sofrendo pela ausência dos pais e por isso a rua acaba sendo a válvula de escape.

De acordo com Aguiar (1999, p. 92), há “evasão de um potencial lúdico”, dizendo de outro modo, a rua e a sinuca eram uma espécie de fuga que supriam, ainda que de modo falso, a ausência dos pais e a carência de afeto do Meninão. A

mãe do menino teve um papel importante na recuperação do filho. O resgate só foi possível porque ela foi paciente, e mesmo de longe seguia os passos do filho e levava sua comida até a mesa de jogo: “Vinha chorosa de fazer dó. Mamãe surgindo na cortina verde vinha miudinha, encolhida, trazendo uma marmita. Não disse nada uma palavra me pôs a marmita na mão”. (JÁ,1980, p. 99).

Para o menino, largar o taco de sinuca significou a sua liberdade e a esperança de dias melhores, desprender-se das amarras da opressão, da miséria, das drogas e, sobretudo, do vício. A libertação do menino resultou na desgraça do seu explorador, sem os dotes do jogador mais famoso da redondeza, Vitorino se desequilibra e mergulha na sua própria autofagia. Foi o fim do malandro, como bem salienta o narrador-personagem:

Foi o fim Vitorino. Sem Meninão do Caixote, Vitorino não se aguentava taco velho quando piora, se entregava duma vez. Tropicava nas tacadas, deu-lhe uma onda de azar, deu para jogar em cavalos. Não deu sorte, só perdeu, decaiu, se estrepou. Deu também para a maconha, mas a erva deu cadeia. Pegava xadrez, saía, voltava... E assim, o corpo magro de Vitorino foi rolando São Paulo inteirinho, foi sumindo. Terminou como tantos outros, curtindo fome quietamente nos bancos dos salões e nos botecos. (JA, 1980, p. 84).

Assim como Meninão, Vitorino e seus comparsas também são vítimas de uma sociedade desigual, por isso é preciso dar o “pulo do gato” e sobreviver, mesmo de forma ilícita como fizeram com a criança. O “bom malandro”, de explorador a aproveitador das habilidades e inocência do menino jogador, agora junta-se a muitos outros meninos e mendigos que vivem perambulando pelas ruas das grandes cidades. Vendo por esse lado, a restituição do malandro é mais difícil, visto que esse já faz parte do mundo dos adultos. Enfrentar a desordem da sociedade atual exige muito mais que esperteza, requer, principalmente, uma mudança na estrutura da sociedade, desde a geração de emprego à educação. O menino, que agora não é mais o Meninão do caixote, fez o caminho de volta, da rua para casa, o resgate aconteceu, a paz espiritual parece ter se restabelecido tanto para ele quanto para a sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer o “submundo” de João Antônio permitiu-nos perceber a preocupação do autor com a causa dos marginalizados, dos problemas sociais e, sobretudo, com as diferentes formas de violência a que são submetidas as pessoas menos favorecidas no Brasil. Como um perspicaz observador e combatente do abandono e da exploração de crianças e jovens dos grandes centros urbanos, o criador de “Meninão do caixote”, revisita sua própria história dos tempos de quando era garoto e frequentava os salões de jogos e a boemia paulistana.

Dono de um estilo literário ímpar, JA nos faz conhecer a história de um menino inocente e habilidoso com a arte de jogar sinuca, cuja infância é ameaçada pela ambição e maldade dos adultos. Ao longo da nossa leitura, enfrentamos os medos, as dúvidas e conflitos do personagem infantil que, dividido entre a compaixão que sente da mãe e a chance de se tornar um dos maiores jogadores de bilhar da redondeza, transgrede as regras de boa conduta e moral humana, pois se envolve com o vício e outras formas de ilicitudes presentes nos salões de sinucas.

Nesse ínterim, verificamos que JA ressalta, também, a carência humana materializada pela ausência do pai do meninão, cuja profissão de caminhoneiro não permite ficar perto do filho, e a vida atribulada da mãe que precisa trabalhar, cuidar da casa e do filho. É importante destacar que, mesmo sendo uma mulher de atitudes ríspidas com o filho, pois tentava corrigir dando-lhe sucessivas surras, a mãe se apresenta como uma mulher anônima, não tem nome e pouco sabemos sobre ela, a não ser pelos relatos do narrador personagem – o Meninão, que internaliza um sentimento de pena pela genitora. Contudo, apesar de não ser uma figura presente no cotidiano do menino, o pai assume a posição de herói, admirado pelo filho, ele faz todas as vontades durante o pequeno tempo que fica com ele.

Diante disso, constatamos que a literatura de JA, mais precisamente o conto “O meninão do caixote”, evidencia um cenário típico de uma sociedade machista, onde cabe ao pai ensinar aos meninos os caminhos que conduzem ao patriarcalismo ainda vigente na contemporaneidade. Com isso, o conto chama atenção do leitor para outras realidades, sobretudo para as armadilhas que estão por trás de certos comportamentos machistas e autoritários, resultando, quase sempre, na degradação humana, na qual as pessoas não conseguem se harmonizar

umas com as outras. Tal fato gera conflitos e destruição como o que acontece com o personagem de “MC”, que em função de pensamentos e atitudes díspares dos pais, o garoto acaba junto a malandros das casas de jogos de bilhar, lugar onde são dadas as mais ferozes tacadas à dignidade da infância do pequeno jogador de sinuca.

Inferimos, contudo, que apesar de ter sido escrito nos anos 80, a narrativa de JA revela a realidade de muitas famílias das periferias e morros das grandes cidades que vivem à margem de uma sociedade exploratória e excludente, cujos valores se perdem em função da falta de assistencialismo à desigualdade social. Além de evidenciar toda essa desordem, o conto evidencia a carência afetiva das relações humanas, a promiscuidade, a violência e a exploração do homem sobre os mais fragilizados emocionalmente e financeiramente, como ocorre com o Meninão, que, pobre e confuso, se deixa levar pela esperteza de Vitorino e seus comparsas.

Com estas reflexões, esperamos que de algum modo este trabalho possa contribuir no sentido de provocar novas discussões sobre o tema aqui abordado, descortinando a malandragem e a exploração posta nas obras de João Antônio, principalmente no que concerne a representação da infância na tessitura dos textos do referido autor. Portanto, entendemos ser de suma importância o estudo crítico da obra de JA no ambiente acadêmico, principalmente nos cursos de Letras, pois consideramos que sua obra ainda é pouco estudada na academia, quando muitos alunos revelam que jamais ouviram sequer falar desse autor.

THE TACADE OF MALANDRAGEM AND THE CHILDHOOD PLACED IN "THE BOX BOY" OF JOÃO ANTÔNIO

ABSTRACT

The present work, of a bibliographic character, aims to discuss the figuration of childhood in the story "The Meninão do Caixote" by João Antônio, considering the social vulnerability of the child in the face of the exploration of adults, the threat of drug trafficking, abuse sexual and gambling addiction. The story of the boy is confused with the drama of many children who live in danger and abandonment in the streets of large urban centers. Attracted by trickery, the boy begins to experience the strangest activities of the adult world. The trajectory of the Meninão of the box is marked by the conflicts with the mother, a woman battling and authoritarian, and by the absence of the father, a trucker that is a long time away from the family. Lacking the paternal presence, the boy is seduced by the trickery of Vitorino, an experienced pool player, and becomes as good at the game of billiards as his explorers. The theoretical basis that guided this research has in the OLIVEIRA and PEREIRA (2003), MARTIN (2008), ARÊAS (1999), CANDIDO (1999) and FIGUEREDO (2007) the main references. The reading of the story points to the child's expressive fragility in the face of adult seduction, human need, evasion and frustration, but also reveals that affective bonds, maternal love, can rescue and save innocent lives.

Keywords: Meninão. Trickery. Game. Exploration.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDI; WCF. *O Grito dos Inocentes: os meninos de comunicação e a violência sexual contra criança e adolescentes*. Coordenação Veet Vivarte. São Paulo: Cortez.2003 .V. 5. (Série e Mobilização Social).

AGUIAR, Flávio. Evolução de João Antônio ou do purgatório ao inferno In: *Remate de Males*. João Antônio (número especial). Capinas: Ed IEL/UNICAMP. Campinas, 1999, p. 115.

ARÊAS, Vilma. “Chorinhos de um retratista (improvisado)”. In: *Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literaria- IEL/ UNICAMP. Campinas, 19, 121-137,1999.

ANTÔNIO, João. “Meninão do Caixote”. In: *Malaguetas, Perus e Bacanaço 1963*.

ARANTES, Aldinéia Cardoso. *O estudo do ante _herói, estudo da origem e representação, em análise crítica do Satyricon, de Petronio e Dom Quexote, de cervante*. Dissertação (Mestrado em Letras). Maringá: UEM 2008

CANDIDO, Antonio; ROSEFELD, A; PRADO, Décio de A: Paulo E.S. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva,1981.

CANDIDO, Antonio. *Ele descreve as franjas escuras da vida*. Falha de São Paulo 01 nov.96, p.36.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. ed. 5. São Paulo: Nacional,1976.

Da MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. Ed. Rocco, 1997.

FIGUEREIDO, K; BOCHI, S. B. B. *Violência Sexual: um fenômeno complexo 2007*. Cecia (Centro de Referência, Estudos e Ações sobre crianças e Adolescente), s.d. Disponível em: [www. Cecia . org. br](http://www.Cecia.org.br). Acesso em 15 de novembro de 2016.

LACERDA, Rodrigo. (2005) Apresentando João Antônio In:_____. *João Antônio: Uma biografia literária*. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LUCAS, Dialética da Malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1999. p. 91.

LEAL, M.L.P. *A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na América Latina e Caribe* (Relatório Final- Brasil) Brasília: Cecria, In:_____. Ministério da Justiça, Unicef, 1999.

MARTIN, Vima Lia. *Literatura e marginalidade: um estudo sobre João Antônio, e Luandino Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008.

Oliveira, Ana Maria Domgues e PEREIRA, Jane Christina. João Antônio, esteta do popular *In:_____*. *Ciênc. Let.* Porto Alegre, n.34, p. 143-150, jul/dez. 2003.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: perspectiva, 1988.

VYGOTSKI, L. S. *A Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.